

IMITATIO ET ACCOMMODATIO. A PRÁTICA DO ICONÓGRAFO NO DISCURSO EMBLEMÁTICO DA BIBLIOTECA DE ALCobaça*

ANTÓNIO CELSO MANGUCCI**

Resumo: O programa iconográfico da Biblioteca de Alcobaça, que apenas podemos conhecer através de uma descrição de frei António de Araújo, é um conjunto essencial para a compreensão da forma como um literato constrói uma narrativa de imagens no Portugal de seiscentos. O programa, pintado em 1656, respondia a dois objetivos principais: o de criar uma identidade institucional e, ao mesmo tempo, o de caracterizar as funções do espaço arquitetónico da biblioteca cisterciense. Na criação do discurso para as pinturas do teto, o frade de Alcobaça apoiou-se na obra *Idea de un Principe Politico Cristhiano* representada em cien empresas, de Diego de Saavedra Fajardo, publicado pela primeira vez em 1640. Ao analisarmos o processo de adaptação dos emblemas pedagógicos para o da caracterização institucional da biblioteca monástica, podemos compreender o *modus operandi* do iconógrafo, que almeja definir um significado preciso para esse novo conjunto de imagens.

Palavras-chave: iconógrafo; biblioteca; artes decorativas.

Abstract: The iconographic program of the Alcobaça Library, which we can only get to know through a description by friar António de Araújo, is an essential work for understanding how a scholar builds a narrative of images in Portugal in the 17th century. The emblems, painted in 1656, addressed two main objectives: to create an institutional identity and, at the same time, to characterize the functions of the architectural space of the Cistercian library. To assemble the ceiling's visual discourse, friar Araújo relied on the work *Idea de un Principe Politico Cristhiano* representada em cien empresas, by Diego de Saavedra Fajardo, first published in 1640. When we analyze the process of adapting the pedagogical emblems for the characterization of the monastic library, we can understand the iconographer's *modus operandi*, which aims to define a precise meaning for this new set of images.

Keywords: iconographer; library; decorative arts.

1. A IMPORTÂNCIA DO TETO DA BIBLIOTECA DE ALCobaça

Os principais estudos sobre a difusão cultural dos emblemas procuraram reconstituir o enorme manancial metafórico proporcionado pela associação entre as palavras e as imagens. A presença central da metáfora em teóricos como Emanuele Tesàuro (1669) e Baltazar Gracián (1648) justifica plenamente a importância dessa abordagem, reveladora de uma verdadeira revolução teórica na retórica aristotélica. Situados nesse contexto, os trabalhos de frei António de Araújo, juntamente com os de Francisco Leitão Ferreira (1709) e de Rafael Bluteau (1728), constituem as principais fontes para conhecermos

* O presente texto reproduz um dos capítulos da nossa tese de doutoramento: *História da azulejaria portuguesa, iconografia e retórica*, apresentada na Universidade de Évora (MANGUCCI, 2020: 70-78).

** CHAIA, Universidade de Évora.

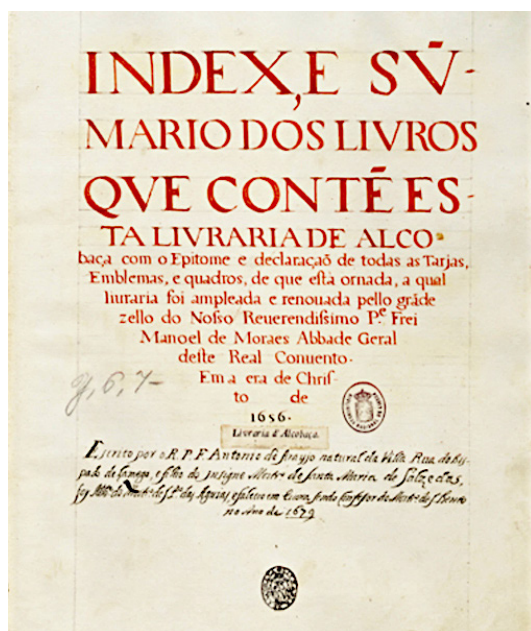


Fig. 1. Frontispício do *Index e sumario dos livros que contem esta livraria de Alcobaça*, 1656
Fonte: Biblioteca Nacional de Lisboa

como se organizavam as narrativas de imagens, muitas vezes repletas de emblemas, nos séculos XVII e XVIII, em Portugal. Nas suas considerações descritivas, permitem-nos reconhecer o trabalho prévio do iconógrafo na construção do discurso decorativo que preencheu de significado tanto a arquitetura civil quanto a religiosa.

O programa iconográfico da Biblioteca de Alcobaça, que só podemos conhecer através de uma descrição manuscrita de frei António de Araújo, responsável pela organização da biblioteca após a conclusão das obras em 1656, durante o governo do abade geral Manuel de Moraes, é um documento fundamental para a compreensão da forma como se estrutura uma narrativa visual, na qual se combinam emblemas morais, retratos históricos e imagens sagradas num discurso perfeitamente coerente¹.

De provável autoria do bibliotecário frei António de Araújo, o programa de imagens responde a dois objetivos principais: o de criar uma identidade institucional e o de definir a função do espaço arquitetónico, objetivos esses que caracterizam grande parte das narrativas seiscentistas e setecentistas. É, definitivamente, um discurso visual científico, no sentido em que pretende representar o conhecimento nas suas várias disciplinas e, ao mesmo tempo, salientar a importância da cultura para a sociedade da

¹ O manuscrito, com o título *Index e sumario dos livros que contem esta livraria de Alcobaça com o epitome e declaração de todas as tarjas, emblemas, e quadros, de que está ornada, a qual livraria foi ampleada e renouada pello grãde zello do nosso reuerendissimo padre frei Manoel de Moraes abade geral deste real convento em a era de christo de 1656*, encontra-se disponível on-line no site da Biblioteca Nacional de Lisboa e foi transcrito na monumental recolha bibliográfica organizada por GIURGEVICH, LEITÃO, 2016: 424-432.

época, destacando a contribuição e importância dos escritores, historiadores e oradores da Ordem de Cister.

A grande vantagem do texto de frei António de Araújo é que podemos acompanhar as explicações do iconógrafo que, um a um, nos decifra os significados dos emblemas.

O extenso discurso pictórico que, infelizmente, não chegou aos nossos dias, principiava no centro do teto, onde figuravam as armas da Ordem de Cister, acompanhadas de quatro emblemas que identificam os privilégios exclusivos da instituição monástica. A Congregação de Alcobaça tinha assento permanente no conselho régio (CONSILIO IIUVAT: cetro com olhos); eram esmoleres do rei (ELEMOSINIIS NITITUR: bolsa de esmolas); entre os seus membros contam-se reconhecidos escritores e cronistas do reino (SCRIPTIS ORNAT: braço com manga de cogula no ato de escrever); e exercia o governo sobre treze vilas (DOMINATIONE MICAT: coluna com coroa em cima).

Mais abaixo, as pinturas que decoram a parte superior das paredes sobre as estantes formavam uma extensa galeria a toda a volta da biblioteca, com os retratos de vinte e sete escritores relevantes da história da Congregação de Cister, entre papas, cardeais, bispos, abades, monges, freiras e conversos que viveram entre os séculos XII e XIV, nos gloriosos tempos da fundação da congregação. Essa galeria tinha o seu princípio em outros três «retratos» da família sagrada no desempenho de diferentes atividades intelectuais: uma representação do jovem Jesus em debate com os Doutores, a Virgem escrevendo uma carta a Santo Inácio, bispo de Antioquia, e São José com um compasso a planear as formas e as medidas para os trabalhos de carpintaria.

Entre o painel central do teto e a galeria de retratos históricos corria uma fiada de caixotões com emblemas. Nos extremos, representavam-se as insígnias das ciências: Teologia, Direito Canónico, Direito Civil, Filosofia, Medicina e Matemática através dos barretes recebidos após a conclusão dos cursos universitários.

2. OS EMBLEMAS DA BIBLIOTECA

As insígnias das ciências, por sua vez, delimitavam um conjunto de dezasseis emblemas que funcionam como um discurso relativamente autónomo, com a configuração de uma espécie de guia intelectual e espelho dos utilizadores da livraria monástica. É através desse conjunto que o iconógrafo pretendeu caracterizar a importância da atividade intelectual, a parte mais importante do discurso visual.

Para esta parte do programa, frei António de Araújo adaptou os emblemas da obra *Idea de un Principe Politico Cristhiano representada em cien empresas*, do cavaleiro de Santiago, Diego de Saavedra Fajardo, uma influente obra de ciência política publicada pela primeira vez no Mónaco, em 1640, dedicada a Filipe IV de Espanha, que pretendia ser um manual com conselhos para um bom soberano. Como foi prática comum nas obras da época, o autor justificou a preferência pela linguagem visual e metafórica por a considerar a mais adequada para o discurso pedagógico, com origem divina:

A nadie podra parecer poco grave el asunto de las Empresas, pues fuè Dios Autor dellas. La Sierpe de metaI, la Zarza encendida, el Vellocino de Iedeon, el Leon de Sanson, las Vestiduras del Sacerdote, los requiebros del esposo, que son, sino Empresas²?

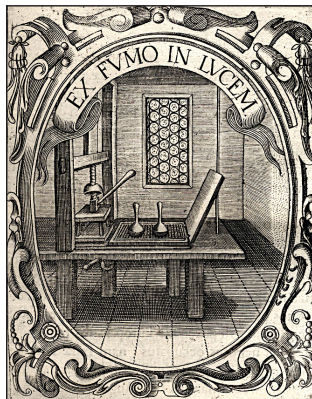
No caso de Alcobaça, o objetivo era semelhante, tendo como finalidade, não a definição modelar de um príncipe, mas a de um perfeito intelectual cristão, um membro da República das Letras, para quem se procura definir uma série de conselhos práticos alicerçados em preceitos morais que serviriam de orientação para o exigente percurso de atividade intelectual.

Tela de pintura em branco AD OMNIA	Tipografia EX FUMO IN LUCEM	Corte de pedra ARDUA PRIMA VIA EST	Ariete contra uma fortaleza LABORE & CONSTANTIA	Sino quebrado EX PULSU NOSCITUR	Trigo e lírios POLITIORIBUS ORNANTUR LITERAE
Concha com pérola PER DIFFICILIA AD SCIENTIAM					Anel com relógio PRAETIUM TEMPORIS AD SCIENTIAM
Nascer do sol CRESCET AD HUC					Tecelão DETRAHI & DECORA
Escultor AGNITIONE SAPIENTIAE	Imã atraindo uma espada SAPIENTIAE TRAHIMUR	Pedra na água AUFERT ERRORES SCIENTIA	Imagem do remo na água ABSQUE; SCIENTIA FALLIT	Velas acesas OMNIBUS ET SIBI SCIENTIA	Espada sobre o mundo SCIENTIA ET ARMIS

Fig. 2. Esquema do conjunto dos emblemas do teto da Biblioteca de Alcobaça
Fonte: desenho do autor

² SAAVEDRA FAJARDO, 1640: prólogo ao leitor. Tradução livre: «A ninguém poderá parecer pouco grave o tema das Empresas, já que Deus foi autor delas. A Serpente de Metal, a Sarça ardente, o Velocino de Gedeão, o Leão de Sansão, as Vestiduras do Padre, os requiebros amorosos do esposo, que são, senão Empresas?»

Para elaborar o programa, o autor de Alcobaça atuou de forma pragmática, e copiou integralmente as *picturae* e os motes dos emblemas que considerou adequados aos objetivos científicos. Segundo as explicações do próprio frade bibliotecário, é esse o caso do primeiro emblema com a representação de uma tela de pintura em branco pronta para receber as tintas, com o mote AD OMNIA (para tudo) para significar que os alunos estão aptos a receberem todos os conhecimentos. Também foi o caso do segundo emblema de Saavedra Fajardo, com a representação de uma escura oficina de um tipógrafo, com o mote EX FUMO IN LUCEM (do obscuro para a luz), com o significado de quanto maior o esforço do trabalho em temas difíceis maior será o reconhecimento. O mesmo aconteceu com o quarto, com a representação dos golpes do ariete que derrubam uma fortaleza, com o mote LABORE & CONSTANTIA (com trabalho e persistência), porque só com a constância dos estudos se pode obter bons resultados. Copiou o quinto emblema, com a representação de um sino quebrado, com o mote EX PULSU NOSCITUR (se onhece pelo soar), para avisar-nos de que o discurso é uma fiel expressão do entendimento. António de Araújo também repetiu o sexto, com a representação das espigas de



Figs. 3, 4, 5 e 6. Emblemas:
Ad Omnia, Ex fumo in lucem,
Ferendum et sperandum e Labor
omnia vincit
Fonte: SAAVEDRA FAJARDO, 1640.
Biblioteca Nacional de España

trigo cercadas por lírios, com o mote *POLITIORIBUS ORNANTUR LITERAE* (adornados com as letras mais eruditas), para representar a arte da retórica e as regras da beleza do discurso; e ainda o nono, com a representação de uma tesoura de um tecelão, com o mote *DETRAHI & DECORA* (apara e aprimora) e o significado que o estudo constante apura as qualidades intelectuais³.

Em outros casos, o iconógrafo achou necessário realizar pequenas alterações, e o corpo dos emblemas do cavaleiro Saavedra Fajardo recebeu um novo mote, para reforçar a ideia de que a ciência é a referência principal do discurso emblemático ou, para utilizar as palavras de frei António de Araújo, de que os emblemas «estão acomodados aos efeitos da sciência»⁴.

Assim, no oitavo emblema, com a representação de uma concha com uma pérola, o mote original *NE TE QUAE SIVERIS EXTRA* (não procure fora de si mesmo) foi substituído pelo mote *PER DIFFICILLIA AD SCIENTIAM* (por dificuldades até à ciência), comparando a ciência com uma empresa de difícil «extração», mas enriquecedora. No caso do décimo primeiro emblema, com a representação de velas que se acendem a partir de uma primeira, o mote original *SIN PERDIDA DE SU LUZ*, foi modificado para *OMNIBUS ET SIBI SCIENTIA* (ciência para cada um e para todos), com o significado de que é possível transmitir o conhecimento de forma inalterável. No décimo segundo, com a ilusão de ótica provocada por um remo imerso na água que parece quebrado, o mote original *FALLEMUR OPINIONE* (juízo enganador) foi substituído pelo novo mote *ABSQUE; SCIENTIA FALLIT* (sem falha de ciência), com o significado de que podemos confiar na ciência para resolver as querelas provocadas por opiniões equivocadas. Para adaptar o décimo terceiro, com os pequenos círculos provocados pela queda de uma pedra na água, frei António de Araújo substituiu o mote *DE UM ERROR, MUCHOS* pelo novo mote *AUFERT ERRORES SCIENTIA* (a ciência corrige os erros), alterando o significado original para realçar a forma como a ciência pode trazer de volta a certeza e a serenidade depois do debate. No décimo quarto, com a representação de um imã atraindo uma espada, o mote original *VOLENTES TRAHIMUR* (somos atraídos voluntariamente) foi substituído pelo mote *SAPIENTIAE TRAHIMUR* (sabedorias atraentes), com o significado de que a ciência convoca e atrai as molhores qualidades de cada um; e, no décimo sexto, com o nascimento do Sol que afasta as trevas, o mote original *EXCAECAT CANDOR* (seu resplendor deslumbra) foi substituído por *CRESCET AD HUC* (ainda há de crescer), com um voto para que os que se dedicam à ciência não diminuam os seus esforços para o contínuo acréscimo do conhecimento.

³ Veja-se o texto completo da descrição do teto da biblioteca em GIURGEVICH, LEITÃO, 2016: 424-432.

⁴ GIURGEVICH, LEITÃO, 2016: 426.

Há ainda dois casos em que o conceito tanto na *Idea de un Principe Politico Cristhiano* como em Alcobaça são semelhantes, mas tanto a imagem como o mote da obra de Saavedra Fajardo foram alterados.

O terceiro emblema do teto de Alcobaça com a representação do corte de uma pedra com o auxílio da água e o mote ARDUA PRIMA VIA EST, com o significado de que os primeiros passos são os mais difíceis, mas podem ser vencidos pela persistência, é uma versão do emblema com a representação de uma mão que rega um vaso com uma roseira e o mote FERENDUM ET ESPERANDUM, porque, como ensina o cavaleiro de Santiago: «Asperos, i espinosos son a nuestra depravada naturaleza los primeros ramos de la virtud, despues se descubre la flor de su hermosura»⁵.

Para a escolha da *pictura*, é muito provável que frei António de Araújo se tenha inspirado na grande recolha de emblemas do *Mondo Simbolico* do teólogo milanês Filippo Picinelli, uma novidade bibliográfica, editada poucos anos antes, em 1653, que identifica a figura do corte da pedra com auxílio da água como forma de vencer o endurecido coração dos pecadores:

*La pietra, con la sega aggiustatale di sopra, per tagliarla, ed vn vaso d'acqua, per trasmettere le goccioline cadenti nella segatura, hebbe: NON SINE HVMORE, e dimostra che il ferro della giustitia vuol essere aiutato dall'acqua dei donatiui profusi, perche possa operare, dando a ciascuno la parte sua; ò veramente che per intenerire il cuore del peccatore non basta il solo rigore la durezza della riprensione, mà vi si ricerca ancora la piaceuolezza, e la soauità*⁶.

O décimo emblema com o mote SCIENTIA ET ARMIS (ciência e armas) procura realçar a equivalência da importância entre os intelectuais e dos militares para o bom governo da República e, no teto de Alcobaça, a figura representa um globo com a espada e um caduceu, símbolos de cada uma das disciplinas. Esta mesma ideia está presente na obra de Saavedra Fajardo, ainda que com um sentido um pouco mais restrito, com a figura de um canhão tendo na boca uma mão com um sextante e o mote NON SOLO ARMIS, e o significado de que não é possível governar apenas pela força das armas, sendo necessário conhecimentos específicos, simbolizados pelo sextante, para calcular a correta distância para se atingir o alvo⁷.

⁵ SAAVEDRA FAJARDO, 1640: 230. Tradução livre: «Ásperos e espinhosos são para a nossa natureza depravada os primeiros ramos da virtude, até que a beleza da flor é descoberta».

⁶ PICINELLI, 1653: 369, liv. XII, cap. XX, par. 116. Tradução livre: «A pedra, com a serra ajustada por cima, para cortá-la, e um vaso de água, para transmitir as gotas caindo no corte, tem [o dístico]: NON SINE HUMORE, e mostra que o ferro da justiça deve ser ajudado pelo ministrar abundante de água, para que possa trabalhar, dando, cada um, a sua parte; ou, verdadeiramente, que a dureza da repressão não é suficiente para amolecer o coração do pecador, mas ainda é necessário buscar a ternura e a suavidade».

⁷ SAAVEDRA FAJARDO, 1640: 25.



Fig. 7. Interior da Biblioteca de Alcobaça
Fonte: *Aurea clavis reserans bibliophilacium
hoc magnum Alcobatiae*, 1701.
Biblioteca Nacional de Lisboa

Por último, frei António de Araújo criou dois emblemas para o programa da Biblioteca de Alcobaça que não se encontram na obra de Saavedra Fajardo. O sétimo emblema, com a figura de um relógio como pedra do anel e o mote *PRETIUM TEMPORIS AD SCIENTIAM* (o valor do tempo para a ciência), procura advertir os homens de letras para não desperdiçarem o tempo essencial para o contínuo aperfeiçoamento intelectual⁸.

Na obra castelhana, a figura do relógio foi utilizada num outro sentido, como exemplo de boa organização do governo, em que todas as peças colaboram em sintonia, e é provável que a ideia tenha sido sugerida pelo emblema número XX de Alciato, que adverte para a necessidade de completar as tarefas em tempo útil⁹.

Como nos explica frei António de Araújo, o emblema décimo quinto, com a representação de um escultor entalhando uma figura a partir de um tronco de madeira, com o mote *AGNITIONE SAPIENTIAE* (reconhecendo a sabedoria) e, como *subscriptio*,

⁸ No original: *praetium temporis ad scientiam*. Cf. GIURGEVICH, LEITÃO, 2016: 427.

⁹ SAAVEDRA FAJARDO, 1640: 413; LÓPEZ, 1670: 118.



Fig. 8. «Sin perdida de su luz»
Fonte: SAAVEDRA FAJARDO, 1640.
Biblioteca Nacional de España

um trecho do verso de Horácio OLIM TRUNCUS ERAN, é uma imagem para o aforismo grego «conhece a ti mesmo» como fundamento da verdadeira sabedoria, que o monge cisterciense atribui à escola de Pitágoras¹⁰.

De forma coincidente, os ensinamentos pitagóricos e a proposição do exame de consciência são a questão central do emblema número XVII de Alciato, sobre a Prudência, com o mote «*Quid excessi? quid admisi? quid omisi?*», fonte provável de inspiração para o monge de Alcobaça. O nosso professor andaluz, Diego López, responsável pela redação dos comentários da nova edição da *Emblemata*, postula mesmo que a máxima de Alciato é um exemplo perfeito para a orientação do percurso dos estudantes:

No se yo que mas pudiesse enseñar Pythagoras, ni todos los demás Filosofos. Porque si quando nos recojemos a dormir hizieramos primero esta cõsideracion, que he hecho oi? que buena obra? con quien anduve? Donde he estado? Que conversación he tenido? en que murmuraciones me he Hallado? que juramentos he hecho? que buena obra he dexado de hacer? Quien duda que fueros muí diferentes, haziendo esta consideracion cada noche? y tomandose cada uno esta cuenta á si propío? Y en

¹⁰ HORÁCIO, 1712: 82-83, *Sátiras*, 8, v. 1: «*Olim truncus eram ficulnus, inutile lignum.*» Tradução livre: «Antes um tronco de figueira, inútil pedaço de madeira». Seguimos a versão inglesa, *Horace's satires epistles, and art of poetry, done into English, with notes.*

*esto nos aviamos de exercitar todos los dias, y aprovecharámos mucho en la virtud. Este verso de Pythagoras, avian de considerar mucho todos los que estudian, y dan obra à qualquiera ciencia, porque muchos de ellos no son estudiantes mas que de abito, y esto aconsejava Alciato á sus discípulos, que considerassen, porque sacarian desto gran provecho*¹¹.

Para completarmos a descrição do programa iconográfico da livraria de Alcobaça, falta-nos ainda mencionar que havia, nos cantos inferiores do teto, outros quatro emblemas, também associados às atividades intelectuais, com a representação da Prudência (caduceu de Mercúrio e o mote PRAECAVENDO), da Defesa (o capacete de Minerva e o mote PROPUGNANDO), do Desvelo (a coruja e o mote PERNOCTANDO) e do Cuidado (o galo e o mote PRAEVIGILANDO), com os motes escolhidos segundo uma graciosa aliteração poética¹².

Além do texto de António de Araújo funcionar como uma descrição completa e comentada do programa da biblioteca, permite-nos ainda conhecer as relações estabelecidas entre os diversos painéis, reforçando a ideia de que há um programa único e uma efetiva correlação entre as suas partes.

*Decendo aos lados da casa he de saber que estão cubertos com trinta e hum paineis, e começando da parte do norte como lado capital da casa, no meo deles no andar de sima está o menino Iesu entre os Doutores da Sinagoga, e o emblema que lhe fica ensima se lhe aplica tambem, com a letra ia repetida Cresce ad huc; porque assim como o Sol quanto mais cresce tanto mais afugenta as trevas, assim o menino Deos se sendo de pequena idade vencia aos Doutores da Sinagoga; ainda a sciência experimental lhe prometia crecimentos*¹³.

Como podemos confirmar pelo desenho setecentista do interior da livraria, o eixo central do programa foi marcado pela presença de um pequeno altar, com a pintura da Aparição da Virgem a São Bernardo «na sua cella, compondo sobre o salve Regina».

¹¹ LÓPEZ, 1670: 98. Tradução livre: «Eu não sei o que mais Pitágoras poderia ensinar, nem todos os outros filósofos. Porque se quando fossemos dormir, fizessemos primeiro esta pergunta, que fiz eu hoje? que bom trabalho? Com quem andei? Onde estive? Que conversa mantive? Em que murmurações participei? Que juramentos fiz? Que boa ação fiz? Quem duvida que éramos muito diferentes, fazendo esta consideração todas as noites? E cada um tomando este exame de si próprio? E nisso havíamos de nos exercitar todos os dias e aproveitávamos muito em virtude. Este verso de Pitágoras devia ser muito considerado por todos que estudam e trabalham em qualquer ciência, porque muitos deles não são estudantes mais do que de hábito, e isto aconselhou Alciato a seus discípulos, que considerassem, porque tirariam disso muito proveito».

¹² Como é possível acompanhar em diversos estudos sobre a mitologia clássica, a coruja e o galo são aves associadas à deusa Minerva. Veja-se por exemplo: CARTARI, 1608: 186. O simbolismo dessas duas aves está também presente nos emblemas *Vigilantia et custodia* e *Prudens magis quam loquax*, de Alciato.

¹³ GIURGEVICH, LEITÃO, 2016: 429.

As figuras da Sagrada Família situam-se sobre o retábulo e funcionam como exemplo maior para a galeria de retratos históricos que se desenvolve de ambos os lados, num eixo horizontal. Mas, como esclarece o bibliotecário, os significados entre emblema e imagem sagrada estão interligados, e a figura do Sol, progressivamente vencendo as trevas, estabelece um eixo vertical de significação com o jovem Jesus entre os Doutores, desde cedo demonstrando as suas qualidades intelectuais.

Ao estabelecer relações entre o conjunto de emblemas do teto e o conjunto de pinturas sagradas do altar, o texto de António de Araújo esclarece a forma de articulação do significado do conjunto, que transcende os diversos núcleos e as relações lineares, num dos melhores exemplos da existência de um planeamento global do discurso das imagens.

Fica assim evidente que a construção de uma narrativa composta por diversas imagens só pode ser realizada com o auxílio de um iconógrafo erudito. A consolidação desse papel diretor foi acompanhada por um impressionante manancial teórico que transformou as imagens num recurso retórico, a par e passo, com todas as manifestações artísticas. Embora profundamente enraizados na criação de uma imagem metafórica — que não significa aquilo que, à primeira vista, representa —, os programas articulam um sentido coerente e unívoco, capazes de gerarem um discurso institucional que caracteriza indelevelmente os diversos espaços arquitetónicos.

Frei António de Araújo, um calígrafo experiente que se responsabilizava pela cópia e ilustração de textos e partituras musicais, é um dos muitos iconógrafos portugueses seiscentistas cujo trabalho permaneceu anónimo, em boa parte porque nos falta compreender a composição erudita das artes decorativas.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, António de (1656). *Index e sumario dos livros que contem esta livraria de alcobaça com o epitome e declaração de todas as tarjas, emblemas, e quadros, de que está ornada, a qual livraria foi ampleada e renouada pello grãde zello do nosso reuerendissimo padre frei Manoel de Moraes abbade geral deste real convento em a era de christo de 1656*. [Consult. 12 set. 2022]. Disponível em <<http://purl.pt/27198>>.
- BLUTEAU, Rafael (1728). *Prosas Portuguezas, recitadas em diferentes Congressos Academicos por D. Rafael Bluteau*. Lisboa: José António da Silva, 2 vols.
- CARTARI, Vincenzo (1608). *Le vere e nove Imagini de gli Dei Delli Antichi Di Vincenzo Cartari Reggiano. Et con la espositione in epilogo de ciasceduna & suo significato. Estratta dall'istesso Cartari per Cesare Malfatti Padoano*. Pádua: Pietro Paolo Tozzi.
- FERREIRA, Francisco Leitão (1709). *Idea poética, epithalamica, panegyrica que servio no arco triumphal, que a nação italiana mandou levantar na ocasião em que as Magestades dos Serenissimos Reis de Portugal Dom Joam V & D. Marianna de Austria foram á Cathedral de Lisboa no dia de Sabbado 22 de Dezembro de 1708*. Lisboa: Valentim da Costa Deslandes.
- GRACIÁN, Baltasar (1648). *Agudeza y arte de ingenio: en que se explican todos los modos y diferencias de conceptos, con exemplares escogidos de todo lo mas bien dicho, asi sacro, como humano*. 2.^a ed. Huesca: Juan Nogues.

- GIURGEVICH, Luana; LEITÃO, Henrique (2016). *Clavis Bibliothecarum. Catálogos e inventários de livrarias de instituições religiosas em Portugal até 1834*. Lisboa: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja.
- HORÁCIO (1712). *Horace's satires epistles, and art of poetry, done into English, with notes*. Tradução e notas de S. Dunster. 2.^a ed. Londres: D. Browne and J. Walthoe.
- LÓPEZ, Diego (1670). *Declaracion magistral sobre los emblemas de Andrés Alciato, con todas las historias, antigüedades, moralidad, y doctrina, tocante a las buenas costumbres*. Valência: Geronimo Vilagrasa.
- MANGUCCI, António Celso (2020). *História da azulejaria portuguesa, iconografia e retórica*. Évora: Universidade de Évora. Tese de doutoramento.
- PICINELLI, Filippo (1653). *Mondo Simbolico, o sia universita d'imprese scelte, spiegate, ed' illustrate con sentenze ed eruditioni sacre, e profane*. Milão: Stampatore Archiepiscopale.
- SAAVEDRA FAJARDO, Diego (1640). *Idea de un Principe Politico Cristhiano representada em cien empresas*. Munique e Milão: Nicolao Enrico.
- TESÀURO, Emanuele (1669). *Il cannocchiale aristotelico, ossia Idea dell'arguta et ingenua elocutione che serve a tutta l'Arte oratoria, lapidaria, et simbolica esaminata co' Principij del divino Aristotele. Quinta impressione, accresciuta dall'Autore di due nuovi tratatti, cioè de Concetti Predicabili, e degli Emblemi*. Veneza: Paolo Baglioni.